



**A CENSURA SOFRIDA PELO JORNAL O PASQUIM NOS ANOS DE 1969-1974:
A RESISTÊNCIA DO NANICO EM MEIO À REPRESSÃO**

**THE CENSORSHIP SUFFERED BY THE NEWSPAPER O PASQUIM IN THE
YEARS 1969-1974: O NANICO'S RESISTANCE IN THE MIDST OF REPRESSION**

Ana Elisa Lara Paulino¹

Maynara Zhandyra Krage de Abreu²

RESUMO

O Pasquim foi um jornal pertencente a imprensa alternativa que se opôs ao Regime Militar Brasileiro durante seu período linha dura (1969-1974) após a instauração do Ato Institucional nº 5 (AI-5), que limitava os direitos e a liberdade do cidadão brasileiro. Parte da imprensa nanica que provou sua grandiosidade de forma inteligente e humorística ao ir contra os bons costumes, sendo o periódico de maior resistência perante o sistema, conseguindo até mesmo sobreviver o período ditatorial. A proposta desse artigo é analisar a censura sofrida por esse periódico ao buscar liberdade de expressão, informação e conquista dos direitos humanos, através de uma revisão bibliográfica e análise documental.

Palavras-chave: O Pasquim. Censura. Regime Militar Brasileiro.

ABSTRACT

Pasquim was a newspaper belonging to the alternative press that opposed the Brazilian Military Regime during its hard-line period (1969-1974) after the establishment of Institutional Act No. 5 (AI-5), which limited the rights and freedom of Brazilian citizens. Part of the dwarf press that proved its

¹ Graduanda do 4º ano de História da Universidade do Sagrado Coração (USC – Bauru/SP). Artigo realizado sob a orientação dos professores Drs. Lourdes M. G. C. Feitosa e Roger M. M. Gomes, para as disciplinas de História do Brasil e História Contemporânea.

² Graduanda do 4º ano de História da Universidade do Sagrado Coração (USC – Bauru/SP). Artigo realizado sob a orientação dos professores Drs. Lourdes M. G. C. Feitosa e Roger M. M. Gomes, para as disciplinas de História do Brasil e História Contemporânea. E-mail: maynarabreu@outlook.com



greatness in an intelligent and humorous way by going against good customs, being the newspaper with the greatest resistance to the system, even managing to survive the dictatorial period. The purpose of this article is to analyze the censorship suffered by this journal in the search for freedom of expression, information and the achievement of human rights, through a literature review and documentary analysis.

Keywords: The Quibbler. Censorship. Brazilian Military Regime.

INTRODUÇÃO

Entre os anos de 1964 e 1985, o Brasil passava pelo período considerado o mais repressivo da Ditadura Militar, marcada por grande repressão e autoritarismo. No auge do Regime, a imprensa alternativa dispõe o diário chamado O Pasquim, que conseguiu sobreviver as mais variadas formas de censura.

O Pasquim teve sua primeira publicação em 26 de junho de 1969, poucos meses depois da instauração do Ato Institucional nº 5 (AI-5) referido ato da constituição “Art. 1º Não serão toleradas as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes quaisquer que sejam os meios de comunicação” que, além de limitar os direitos e liberdade dos cidadãos brasileiros, também passou a confiscar todo tipo de informação disseminada pela imprensa na época através de um controle como o da censura prévia e a autocensura, atingindo até a grande imprensa que apoiou o golpe. O periódico nasceu e se fortaleceu durante a mudança de poder entre a saída do marechal Arthur Costa e Silva (1967-1969) e o início do que chamam de “linha dura” com o general Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), segundo Bazalaf (2009, p. 14).

O jornal contava com a colaboração de grandes nomes como o de Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe (Jaguar) como editor de humor. Havia ainda o editor chefe, Tarso de Castro, o editor gráfico, Carlos Prósperi. E mais: Zivaldo Alves Pinto, Henrique de Sousa Filho (Henfil), Millôr Fernandes, Luis Carlos Maciel, Paulo Francis, Ivan Lessa, Miguel Paiva, Claudius Ceccon, Sérgio Augusto. Além de participações especiais como as de Caetano Veloso, Chico Buarque e Vinicius de Moraes (AUGUSTO, JAGUAR, 2006). Amigos da elite intelectual carioca que se reuniam nos bares de Ipanema para discutir as edições do jornal.



Defensor da democracia e da liberdade, foi considerado o mais importante na luta pela liberdade de expressão e direito à informação, revolucionando a imprensa da época com seu humor e linguajar despojado, diferente da grande imprensa. O periódico trazia em suas páginas críticas e ironias sutis ao governo (CARVALHO, RIOS, 2018, p. 1). Segundo Bernardo Kucinski (1991):

Em contraste com a complacência da grande imprensa para com a ditadura militar, os jornais alternativos cobravam com veemência a restauração da democracia e do respeito aos direitos humanos e faziam a crítica do modelo econômico. Inclusive nos anos de seu aparente sucesso, durante o chamado “milagre econômico”, de 1968 a 1973. Destoavam, assim, do discurso triunfalista do governo ecoado pela grande imprensa, gerando todo um discurso alternativo. Opunham-se por princípio ao discurso oficial. (KUCINSKI, 1991)

Ao disseminar informações que o governo gostaria de esconder, O Pasquim estabeleceu, assim, uma relação de lealdade com seus leitores por meio de desenhos e sátiras, com muito bom humor e diversão, driblando toda a censura imposta pelo Regime Militar. Segundo o doutor em jornalismo Francisco José Karam (1997), a liberdade de imprensa é liberdade social, dessa forma, o periódico fez com que ela existisse mesmo com toda a sutileza que carregava.

Essa mistura e variedade humorística e intelectual só vêm a traduzir o cotidiano da sociedade que, mesmo sendo exposto de maneira risível, representa o real. Os traços irônicos e sarcásticos são uma forma de expressão vinda dessa escolha. Essa opção pela linguagem humorística dentro do jornalismo apresentado pelo semanário carioca gera um modo de percepção da realidade e dos fatos ocorridos, principalmente, nos “anos de chumbo” e as características expostas acima são representações disso. (SOUZA, 2007 *apud* SOUSA, 2013 p. 39)

O Pasquim logo ganhou reconhecimento, ignorou as técnicas tradicionais e lançou expressões que agradou o gosto popular caracterizando um pouco da cultura carioca, gírias como: “putzgrila”, “bicha”, “duca”, “jáco”, “vôco”, “paca”, “sacomé” entre outras. Foi uma das principais contribuições para o mercado editorial brasileiro, se diferenciando da grande imprensa que mantinha seus textos jornalísticos formais. O jornalismo e a publicidade inspiraram-se na linguagem do O Pasquim como estratégia para maior abrangência e aceitação popular (BRASIL, 2012, p. 160).



Roger Chartier, em *A História Cultural – Entre Práticas e Representações*, discute a necessidade de identificação desses códigos quando afirma que é vital “considerar como ‘simbólicos’ todos os signos, atos ou objetos, todas as figuras intelectuais ou representações coletivas, graças aos quais os grupos fornecem uma organização conceptual ao mundo social ou natural”.

Para o doutor em ciências da comunicação José Marques de Melo (1991), a essência do jornalismo está no processo de manter uma coletividade íntima entre jornal e leitor, transmitir veracidade dos fatos ao invés de omitir como fez a grande imprensa. O jornalismo deve ser uma reconstrução da realidade, que a imprensa alternativa desenvolveu bem, como aponta o doutor em ciências da comunicação Dennis de Oliveira (2005).

Foi nesse cenário carioca que fez com que a censura instituída no Brasil convivesse com o crescimento de um jornalismo criativo e não-comercial, que mudou o padrão de imagem e conteúdo dos impressos brasileiros. Os jornais alternativos carregavam uma base filosófica existencialista que, através do humor, quebrou os tabus da sociedade vigente. Tornaram-se vozes de oposição ao regime ao abrir espaço para manifestação de intelectuais, artistas e políticos (QUEIROZ, 2004, p. 232).

O surgimento da imprensa alternativa e/ou imprensa nanica se deu por conta do movimento entre jornalistas e intelectuais em busca de outras formas de pensar além da grande imprensa e da universidade, de acordo com Queiroz (2004). O jornalista Bernardo Kucinski, divide a palavra *alternativa* em quatro significados, sendo o primeiro de algo não ligado a políticas dominantes; o segundo de uma opção entre duas coisas excludentes; uma saída única para uma situação complicada e, por derradeiro, gerações das décadas de 60 e 70 em busca de transformações sociais. Essa modalidade da imprensa ficou conhecida por muitos como imprensa nanica, pois comparados a grande imprensa, existiam poucos jornais com ideias alternativas, além do mais em sua maioria, os periódicos eram criados e com poucos meses de existência já fechavam as portas, pois na maioria das vezes não conseguiam lidar com a repressão e a censura que o sistema demandava. Dessa forma, à medida que o imaginário social se modificava, surgia uma nova modalidade de jornal alternativo.



O Pasquim, publicou 1.072 edições durante vinte e dois anos, sendo o jornal alternativo mais resistente enquanto outros sofriam com a censura direta. Contou com uma tiragem de 80 mil exemplares na edição de número 16 e chegou a imprimir 250 mil exemplares semanais, além de ter recebido anúncios de grandes multinacionais, segundo Bazalaf (2009, p. 16). Para época, todo esse reconhecimento e consumo do povo era quase inexplicável, considerando que a expectativa de vida para a imprensa alternativa era baixa.

O objetivo do artigo presente é analisar a censura sofrida pelo jornal O Pasquim ao lutar pelo direito de informação e liberdade de expressão durante o regime militar brasileiro através de uma revisão bibliográfica, análise documental e historiográfica. Compreensão da crítica à política brasileira por trás do humor, sendo essa a principal característica do jornal vigente.

RESISTINDO À CENSURA ATRAVÉS DO HUMOR

O Pasquim proporcionou ao país uma espécie de revolução da imprensa, ele estava voltado à atuação na imprensa alternativa, se mostrava um jornal diferente e irreverente, onde buscava contestar decisões das quais não concordava de forma peculiar e interativa. O humor era seu principal aliado, fazendo com que passassem quase por despercebidos pela censura, podendo assim, realizar embates contra o governo e a política da época com o auxílio também de suas charges, caricaturas e do seu modo criativo de forma inteligente ao expressar novas palavras, assim como dizia Chinem (1995, p. 45) “não há jornal brasileiro importante que não tenha sido influenciado pelo idioma do Pasquim, direta ou indiretamente”. O Pasquim fazia críticas às torturas praticadas na época, às injustiças sociais, à situação econômica, entre diversos outros temas que eram considerados tabus na sociedade ditatorial brasileira.

O jornal proporcionava um “humor sério”, que despertava em seus leitores risos e felicidades mesmo com os diversos problemas que o país enfrentava na época. O próprio jornal trazia à tona em suas publicações toda a problemática pela qual o Brasil passava, sendo assim de forma muito rápida ele fascinou a todos, fazendo com que grande parte da sociedade, incluindo a juventude, buscasse por seus periódicos.



Porém, para a infelicidade do Pasquim, a censura estava disposta a vetar o que fosse necessário perante as exigências do governo, sendo assim, independente dos jornais sendo ou não da imprensa alternativa, suas publicações estavam passíveis de veto. No entanto, por mais que buscassem passar essa impressão de igualdade perante ambas as imprensas, era notável de que a imprensa alternativa sempre sofreu uma rigorosidade maior com suas edições, até mesmo antes de serem publicadas.

Fora a grande censura sobre as publicações que criticavam o governo, um outro ponto do veto eram os palavrões, utilizados dentro da própria redação porém gerando uma autocensura, a partir disso, o humor foi um ponto muito importante para transformar essas palavras inapropriadas em agradáveis aspectos espontâneos (BUZALAF, 2009, p. 129).

O jornal utilizava frases humorísticas de duplo sentido, que buscava conscientizar a sociedade de toda a repressão que o periódico sofria dentro da redação e até mesmo a censura que a própria população em geral sofria com o governo.

Somos contra tudo o que a gente pode ser contra” (edição 10, de 1969), “O Pasquim – um pequenino enganador” (edição 34, de 1970), “O PASQUIM sabe de tudo e não quer entrar em detalhes” (edição 38, de 1970), “O Pasquim – um jornal de oposição ao governo grego” (edição 45, de 1970), “Se alguém pensa que o Pasquim se atemoriza com ameaças e pressões, pode tomar nota de uma coisa: é verdade” (edição 56, de 1970) e, principalmente, na edição de número 58, em que a frase-editorial ironiza um dos maiores slogans da propaganda militar: “PASQUIM – ame-o ou deixe-o. (BUZALAF, 2009, P. 143)

O jornal sempre muito irreverente, buscou arriscar em uma entrevista que acreditava ser “tiro certo” para que a sociedade compreendesse a censura pela qual a imprensa passava. O Pasquim lançou então uma entrevista com a atriz brasileira Leila Diniz, onde enquanto entrevistada, a atriz disse tudo que pensava e achava necessário, sem nenhum tabu, usufruindo de diversos palavrões. Quando o periódico encaminhou a matéria para a publicação, obviamente todos os palavrões foram vetados, e no lugar deles foram impressos asteriscos, o que fez com que a população compreendesse a censura imposta sobre aquela entrevista, e além do mais, todos conseguiram compreender o que a atriz disse, pois por mais que os palavrões fossem substituídos por asteriscos, não houve prejuízo na leitura. A partir dessa



edição foi decretado pelo governo militar a chamada censura prévia, que por muitos ficou conhecida também como “censura Leila Diniz”. (SOUZA, 2013, p. 28/29)

Sendo assim grande parte dos jornais de imprensa alternativa, incluindo O Pasquim, sofreram da chamada “Censura Prévia”, que tinha três principais mecanismos, como afirma Carvalho:

(I)presença de um censor na redação do veículo de imprensa; (II) envio de matérias para a análise da polícia federal – nas Delegacias Regionais ou em Brasília – antes da publicação; e (III) ordens emitidas por meio de bilhetinhos, telegramas e telefonemas indicando assuntos que não poderiam ser divulgados. (2014, p. 6)

A partir desses mecanismos, os jornalistas e a redação do jornal em geral, buscava desenvolver alguns métodos que minimizassem a censura ou que fizessem que algumas críticas passarem por despercebido. Um fato extremamente importante é a boa relação estabelecida entre o censor e os jornalistas. Com isso, um exemplo claro que existia dentro da redação, era fazer com que o censor passasse por um árduo dia de trabalho, para somente no final do expediente ser entregue alguma publicação, dessa forma seria possível que diversas vezes o cansaço tomasse conta do censor e o mesmo não notasse a crítica e conseqüentemente não barrasse a divulgação.

Segundo Ziraldo, ‘(...) havia uma relação cordial com a primeira censora destacada para cuidar do Pasquim. Dona Marina recebia os jornalistas em casa, oferecia café e discutia os cortes: ‘não, isso aqui não convém sair, não. Vamos tirar isso... Não, vocês não vão fazer eu perder o meu emprego’.’ No mote das lembranças, por vezes misturando datas e fatos, o cartunista Jaguar rememorou que ‘(...) nós descobrimos que [ela] tinha um ponto fraco: gostava de beber. Todo dia a gente botava uma garrafa de scotch na mesa dela e depois da terceira dose ela aprovava tudo. Resultado: foi despedida...’”. Mais adiante, a autora lembra episódio em que três censoras, também responsáveis pelo Pasquim, foram substituídas, o que fez com o que o jornal passasse a “ser censurado via Brasília, como também ocorria com Opinião e Movimento. Esse tipo de expediente visava quebrar o jornal, já que o obrigava a fechar com muita antecedência [...]. O desejo também era afastar os censores dos jornalistas. Até porque o contato nas redações, segundo Carolina [técnica da censura entrevistada pela autora], era visto por seus superiores como uma espécie de lavagem cerebral do censor. (KUSHNIR, 2004, p. 198 *apud* CARVALHO, 2014, p. 7)



O jornal O Pasquim foi o que demonstrou maior resistência de acordo com os mecanismos estabelecidos, com isso a maior parte de seus censores eram rapidamente demitidos e substituídos por outros, no entanto, como essa substituição costumava ser frequente na redação do jornal, as edições passaram a ser destinadas automaticamente para Brasília e autorizadas ou não diretamente por lá.

A princípio, pouquíssimas pessoas e até mesmo jornalistas da redação, desacreditavam no sucesso do jornal, devido principalmente às censuras e à falta de verba que o mesmo detinha. No entanto, ainda no primeiro ano, os exemplares se tornaram cada vez mais procurados, necessitando que a cada dia, mais e mais impressos fossem feitos. Porém, brigas internas começaram a ocorrer entre os integrantes da redação, proporcionando um ano de 1970 desintegrador, afinal, além das brigas, de 190 mil exemplares que eram atingidos, em torno de 160 a 180 mil eram vetados. (CHINEM, 1995)

Outro episódio também ocorrido no mesmo ano com o jornal, foi uma tentativa de ataque em prol à censura, onde foram colocadas duas bombas com intuito de ameaça a todos que estavam vinculados ao jornal. Uma das bombas foi posta na rua Clarice Índio do Brasil na fachada da redação, a mesma explodiu sem deixar nenhuma vítima, já a segunda bomba acabou por não explodir, pois teve seu pavio rompido, mesmo que nenhuma das bombas tenham deixado vítimas, o “recado” já havia sido dado e todo ou qualquer indivíduo que tivesse ligações com o Pasquim deveria tomar cuidado.

(...) Damo-nos por vencidos, como diria um purista. Até agora, ainda não sabemos quem colocou a bomba na rua Clarisse Índio do Brasil (você já repararam no nativismo de nosso endereço) na madrugada de quinta-feira, doze de março (felizmente, como sempre, estávamos no bar). Mas já sabemos, naturalmente, a direção e de onde veio o ataque. E sabemos, sobretudo, o que pretendem os agressores. Assim, para evitar qualquer futuro atentado, damos acima aquilo que tão ardentemente desejam os terroristas: ver nossas caveiras. Pela ordem, da esquerda para a direita: Luiz Carlos Maciel, Paulo Francis, Jaguar, Fortuna, Tarso, Millôr, Henfil, Ziraldo, Sérgio Cabral, Paulo Garcez e a caixa de uísque vazia. (IDEM, p.90-91 *apud* BUZALAF, p. 144)

Já em setembro de 1970, um dos jornalistas não entregou a coluna a tempo de ser publicada, então Jaguar por não ter tempo hábil para disponibilizar outro conteúdo, acabou



publicando a página escrita inteira com “blá blá blá blá...”, isso foi um motivo mais que suficiente para que os leitores interpretassem a publicação de forma crítica.

Os leitores é que tiveram uma interpretação “conspiratória” sobre duas páginas da edição.(...) foi interpretado, por alguns leitores, como uma forma de avisar que a censura estava limitando a liberdade de escrever dos jornalistas, o que demonstra claramente como o humor e o estilo visual e textual do Pasquim não eram tão igualmente recebidos. (BUZALAF, 2009, p. 147)

Nesse mesmo ano, no mês de outubro, ocorreu um chamado “arrastão”, onde pela primeira vez no país a redação de um jornal foi detida, todo o “time” do jornal O Pasquim totalizando onze integrantes foram presos, entre eles estavam Ziraldo, Jaguar, Fortuna, Tarso, Francis, Maciel, Sérgio Cabral, Flávio Rangel e José Grossi. A princípio, os redatores não sabiam ao certo quem tinha mandado os prender, mas mais tarde, vieram a descobrir que foi um general chamado João Baptista Figueiredo, que anos depois, viria a se tornar o último presidente da república do período ditatorial. Dentro do Brasil, a prisão dos jornalistas não foi de grande divulgação ou impacto, mas em compensação fora do país, essa notícia se fez presente em diversas manchetes. (CHINEM, 1995, p. 47)

Durante a prisão dos principais jornalistas do periódico, a produção do jornal continuou a existir, mesmo que com menos eficiência, a censura prévia já não se fazia mais presente naquele momento e diversas contribuições foram enviadas para a redação com objetivo de não deixar o jornal “morrer”. Após dois meses de detenção, os jornalistas foram soltos e a censura prévia veio novamente à tona. Por mais que a redação pedisse para que os censores não vetassem as matérias, eles respondiam de forma que “a justificativa não era fundamentada exclusivamente no conteúdo subversivo dos textos e imagens; o que os censores argumentavam era que precisavam trabalhar, que tinham família e responsabilidades.” (BUZALAF, 2009, p. 158)

Apesar de O Pasquim ser um jornal irreverente desde o começo, ciente de todos os seus empecilhos, em determinados momentos a censura impactava sobre os jornalistas um grande desânimo, corroendo toda a energia que o jornal disponibilizava, afinal, não somente



as censuras prévias eram as responsáveis por essa exaustão, mas também a censura proporcionada nas bancas e aos leitores.

A censura tentou corroer – e de fato limitou - não apenas as mensagens e a criatividade de seus jornalistas, mas, principalmente, o jornal em si, através de repressões diretas e indiretas a quem se envolvia com o semanário (principalmente as bancas de jornais e os anunciantes) e da crise financeira que, naturalmente, foi vivenciada pelo Pasquim e por grande parte da imprensa, na medida em que havia atraso na produção e distribuição do jornal. (BUZALAF, 2009, p. 159)

Apesar das dificuldades que o jornal e toda a redação estavam passando, a produção e as vendas continuaram ocorrendo, suas edições permaneceram com o mesmo intuito como o de quanto foi criado, sempre humorístico e petulante, apesar de tratar a respeito de assuntos sérios e extremamente relevantes para a sociedade brasileira. Com o passar dos anos, o periódico teve algumas atualizações, devido a necessidade de mudança. O jornal O Pasquim teve seu término no ano de 1991, como principal causa o desgaste da redação, tendo apenas Jaguar da formação original ainda como membro; e novos conceitos de humor que vieram a surgir na década de 90, deixando o humor do periódico da década de 70 obsoleto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ditadura proporcionou uma grande censura ao Brasil, que se fortaleceu principalmente após o decreto do AI-5, fazendo com que a liberdade de expressão fosse reduzida deixando toda a população insatisfeita. Dessa forma, a irreverência tomava conta de uma parte da sociedade, assim, alguns indivíduos foram audaciosos e se juntaram para começar a debater nas mesas dos botequins de Ipanema, a respeito do regime no qual o país estava inserido, formando a redação do jornal O Pasquim.

Com o decorrer da escrita, pudemos analisar que essa insatisfação ao sistema e a insolência contida nos indivíduos da redação, proporcionava automaticamente ao jornal o mesmo sentimento, que era expresso por meio de seus exemplares de forma inteligente e sagaz, utilizando do humor como principal ferramenta de críticas ao governo e quebras de tabus.



Apesar das tentativas de sabotagem que o governo buscou impor ao periódico através da cesura prévia, dos vetos e até mesmo do ataque de bombas a central da redação, os integrantes não desanimaram e continuaram a impor seus ideais de luta contra a repressão e busca do direito à informação.

O Pasquim que fazia parte da imprensa alternativa e/ou imprensa nanica, como era conhecida, passou a se desenvolver cada dia a mais. Assim, o termo “nanica” se tornou contraditório, já que seu desenvolvimento era cada vez maior. Essa produção exacerbada era consequência de um momento em que a sociedade era reprimida e privada de forma aterrorizante, fazendo com que o jornal se tornasse representante do povo brasileiro. Foi em meio a este cenário que O Pasquim se tornou grande e reconhecido, com a ajuda de grandes nomes do intelecto brasileiro.

REFÊRENCIAS

AUGUSTO, S., JAGUAR. **O melhor do Pasquim**. Rio de Janeiro: Desiderata, 2006.

BRASIL, B. **A breve história e a caracterização d'O Pasquim**. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n.6, p.159-176, 2012.

BUZALAF, M. N. **A censura no Pasquim (1969-1975): As vozes não-silenciadas de uma geração**. Tese de Doutorado: UNESP. Assis: 2009.

_____. **Mudança e agravamento nas práticas autoritárias: centralização da censura e a reação d'O Pasquim nas frases-editoriais**. Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Alternativa, integrante do 5º Encontro Regional Sul de História da Mídia – Alcar Sul 2014, Florianópolis, 2014.

CARVALHO, L. B. **A censura política à imprensa na ditadura militar: fundamentos e controvérsias**. Revista da Faculdade de Direito – UFPR. Curitiba, vol. 59, n. 1, p. 79-100, 2014.

CARVALHO, N. L.; RIOS, R. **O Pasquim: Um jornal que não se vende a não ser a seus leitores**. XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Bahia, 2018.



CHARTIER, R. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Lisboa/Rio de Janeiro: B. Brasil/ Difel, 1990.

CHINEM, R. **A imprensa alternativa: jornalismo de oposição e inovação**. São Paulo: Editoria Ática, 1995.

DOBERSTEIN, Juliano Martins. **As duas censuras do regime militar: o controle das diversões públicas e da imprensa entre 1964 e 1978**. 2007. 212. Mestrado – UFRGS, Porto Alegre, 2007.

KARAM, F. J. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Editora Summus Editorial, 1997.

KUCINSKI, B. **Jornalistas e Revolucionários nos tempos da imprensa alternativa**. Editora Scritta, Oficina Editorial, 1991.

MELO, J. M. **Indústria Cultural, Jornalismo, Jornalistas**. Trabalho apresentado ao XVI Congresso Brasileiro de Pesquisadores da Comunicação, promovido pela INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Porto Alegre, 1991.

OLIVEIRA, D. **Fronteiras do jornalismo no espaço midiático: a real dimensão da função ideológica da informação jornalística**. Trabalho apresentado durante o IX Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação, 2005.

Portal da Presidência da República. Decreto-lei nº 1077, de 26 de janeiro de 1970. Acessado em 14 de abril de 2019 https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/del1077.htm

QUEIROZ, A. C. B. **O Pasquim: um jornal que só diz a verdade quando está sem imaginação (1969-1991)**. História e Perspectivas: Uberlândia, 2004.

SIQUEIRA, C. R. **O Pasquim: charges como fonte de informação e enfrentamento à Ditadura Militar Brasileira**. Rio de Janeiro: 2017. Disponível em: <<http://www.unirio.br/unirio/cchs/eb/arquivos/tccs-2017.1/Cesar%20Ribeiro%20Siqueira.pdf?fbclid=IwAR0y5KFcquujiLoLJliS1sVGpq-yDLhRUlmtcXT8IH19zM4ddKGDA6xuNKc>> Acesso em: 15.ma.2019

SOUSA, V. R. **O Pasquim e a ditadura militar: o humor que burla a censura**. Fortaleza: 2013. Disponível em: <<http://ww2.faculdadescearenses.edu.br/biblioteca/TCC/JOR/O%20PASQUIM%20E%20A%20DITADURA%20MILITAR%20O%20HUMOR%20QUE%20BURLA%20A%20CENSUR>



[A.pdf?fbclid=IwAR1xtjO2JY6nt7ozqY6tfpffyeI2IeiJYCXQ04v4S91NXqSBoNQUS0edin8>](#)

Acesso em: 02.mai.2019